

CIRCULAR ENTRE MUNDOS: A prática da escrita e da pesquisa enquanto Ferramentas Políticas

Tainá Souza Santos¹

RESUMO

Esta resenha tem como objetivo relatar experiências durante a minha formação no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Nele traço uma discussão teórica junto a pesquisadoras feministas compreendendo a escrita e a pesquisa enquanto prática e ferramenta política. A proposta, nesse sentido, é refletir sobre a potência existente ao circular entre mundos distintos: a academia e as minhas gerações familiares antecedentes.

Palavras-chave: Escrita; Política; Ciência feminista.

No entanto, a raiva expressa e traduzida em uma ação a favor de nossos ideais e nosso futuro é um ato de esclarecimento que liberta e dá força, pois é nesse processo doloroso de tradução que identificamos quem são os nossos aliados com quem temos sérias diferenças e quem são nossos verdadeiros inimigos. A raiva é repleta de informação e energia.

(Audre Lorde, 2019 [1984], p. 160)

No meu primeiro ano de graduação meu pai sofreu um gravíssimo acidente de moto fazendo-o permanecer afastado de seu trabalho por alguns meses. Esse episódio que enfrentei marcou um dos períodos mais difíceis da minha trajetória na universidade. Naquela época era minha família quem me auxiliava financeiramente, já que morava em outra cidade, e aguardava os resultados do auxílio alimentação e moradia do programa de permanência estudantil. Contudo, devido ao afastamento do meu pai por conta do acidente, e ainda sem o recebimento de sua previdência social devido a atrasos do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) só restava uma opção para eles: que eu voltasse para minha cidade natal.

Após o acontecimento, meus familiares seguiram diversas semanas em frequentes ligações me perguntando quando voltaria, já que a renda mensal havia sido comprometida. Com a necessidade de produzir alternativas, recorri firmemente ao departamento de serviço social da universidade, tentando dialogar e explicar para as assistentes sociais sobre o ocorrido, e questionando a possibilidade de adiantar meu ingresso no programa de assistência

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail para contato: tainas.santos@hotmail.com.

estudantil. Lembro-me do quanto trataram tais demandas com indiferença e frieza, sem dar nenhum direcionamento ao caso. Foram algumas semanas aguardando os resultados do processo seletivo, lidando com ansiedades, incertezas e o fato do meu pai estar hospitalizado. A minha insistente procura pelas assistentes sociais e os embates vividos naquele contexto fizeram-me questionar o que estava fazendo na universidade, como me manteria ali e, caso houvesse, qual seria o lugar que ocuparia na academia.

Este é um breve relato pessoal, muito semelhante a inúmeros descasos e violências institucionais que já acompanhei de outros estudantes durante a graduação. Acredito inclusive que você, leitor ou leitora, possa ter acompanhado algo parecido, seja nas próprias instituições em que atua, seja através de jornais e mídias sociais. A sensação de impotência dada à situação manifestou-se em raiva e angústia diante de uma instituição que por várias razões me fazia sentir insegura e inadequada em ocupá-la. Mas, ainda sim, mantive em mente que precisava persistir, apesar dos entraves pelo caminho. Como descreveu Audre Lorde: “Toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra as opressões pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva” (2019 [1984], p. 159).

Esta raiva e sentimento de inadequação fizeram-me compreender, ao longo dos anos, que era necessário descobrir aliadas e aliados, aqueles com quem eu pudesse resistir e reivindicar espaços conjuntamente. Foi nesse sentido que participei de diversas mobilizações do movimento estudantil e integrei projetos de extensão com o intuito de construir redes para além dos muros da universidade. Esse compromisso possuía finalidades éticas e políticas: assim como eu e demais estudantes bolsistas, outros corpos também podiam (e deveriam, por direito) ocupar esse território, usufruindo dos conhecimentos acadêmicos e da vida universitária. No decorrer de minha trajetória nas ciências sociais rearranjando raivas, medos e inseguranças, constatei que tais vínculos partiam de um desejo mais profundo: que as estruturas sociais e institucionais fossem direcionadas a partir de outros paradigmas, algo próximo às descrições de Audre Lorde:

Usada como precisão, ela [a raiva] pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança. E quando falo de mudança não me refiro a uma simples troca de papéis ou a uma redução temporária das tensões, nem à habilidade de sorrir ou se sentir bem. Estou falando de uma alteração radical na base dos pressupostos sobre os quais nossas vidas são construídas. (ibidem).

Tais raivas e inseguranças encontraram solo fértil no reconhecimento desse lugar em que iniciei a vida acadêmica: dissidente de escola pública, vinda de uma família que não concluiu o ensino fundamental, e que pouquíssimo ouviu falar sobre universidades públicas.

Quando ingressei na UFSCar, lembro-me de suas surpresas ao conhecerem as políticas de ações afirmativas para os e as estudantes de baixa renda, do apoio da assistência social e do restaurante universitário no qual eu poderia me alimentar “gratuitamente”. O chão de realidade dos meus familiares foi um terreno árido e seco, típico do solo nordestino, onde nasceram. Muitos precisaram desde muito jovens *trabalhar na roça*. “*Ninguém dá nada pra ninguém, é preciso trabalhar pra ter as coisas*”, ouvi de meus pais incontáveis vezes na infância e adolescência.

O trabalho no campo ainda é a principal fonte de renda de muitos dos meus tios e tias que moram em Tobias Barreto, cidade no interior de Sergipe. Quando viajei a última vez para lá, senti-me realizando um trabalho etnográfico, uma espécie de investigação desses outros modos de existência que também compõem, atravessam e contornam minha ancestralidade. Costumo nomear essa experiência como “o longe perto de mim”. Longe porque não vivenciei a experiência de meus familiares que cresceram em Sergipe, mas a observo perto de mim através dos vínculos parentais.

Do interior de São Paulo, na cidade de São Carlos, conhecida também como “Sanca Hub”, um pólo geográfico de ecossistemas de tecnologia e inovação, até a roça de Tobias Barreto deu-se em mim a colisão desses mundos distintos. De um lado, o chão seco e árido dos solos do interior de Sergipe; do outro, uma cidade com duas grandes universidades públicas, reconhecida pela quantidade de *startups* e empresas na área da tecnologia. Com o passar dos anos fui compreendendo os radicais choques de alteridade que sentia por habitar esses entre mundos, e fiz das inseguranças, medos e raivas o meu próprio artesanato, tecendo potências para habitar este “entre”.

Circular por esses territórios foi uma experiência bastante desafiadora, fazendo-me mergulhar em reflexões, a reconhecer certos privilégios e oportunidades que tive acesso ao longo de minha formação. Aprendi e sigo aprendendo com o choque de alteridade desses encontros, a colocá-los em relação procurando observar o que tais interações faziam brotar, próximo à perspectivas parciais para construção de um conhecimento localizado proposto por Donna Haraway (1988, p. 24):

[...] Quero argumentar a favor de uma doutrina e de uma prática da objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver.

Assim, circular entre minhas gerações familiares e a vida acadêmica ensinou-me a rearranjar os estranhamentos que sentia, e a produzir possíveis entrelaçamentos para esses

mundos através da escrita e da pesquisa científica. Apesar da forte afinidade com a escrita desde a adolescência, época que mantive um pseudônimo em um blog na internet onde publicava prosas e poesias autorais, escrever academicamente, ver-me enquanto pesquisadora, participando de eventos e produzindo artigos científicos foi, por muito tempo, uma perspectiva distante para mim. Durante minha formação em Ciências Sociais, diversos outros projetos pareciam mais receptivos do que a aproximação com um/a professor/a orientador/a para o desenvolvimento de uma iniciação científica, por exemplo.

No entanto, a chegada do fim da graduação atingiu-me como uma espécie de convite à experimentação antropológica e etnográfica, como uma possibilidade de lapidar os conhecimentos acadêmicos adquiridos naqueles anos a partir de um projeto de pesquisa. Essas afetações me fizeram compreender, também, a importância de que esse trabalho fosse orientado por uma mulher e influenciado por críticas feministas à ciência. Havia uma espécie de identificação com tal literatura, e com suas propostas teóricas e metodológicas. Foi através dessas discussões que encontrei ferramentas para mobilizar ideias, conceitos e possíveis narrativas, ouvindo minhas raivas e as articulando, como nas argumentações de Lorde, “tenho tentado aprender a usar minha raiva de forma útil para mim e entender quais são suas limitações” (2019 [1984], p. 164).

Esse convite à experimentação etnográfica desdobrou-se em uma pesquisa de iniciação científica intitulada “Sistema CSA como obra de arte: Etnografia de uma comunidade sustentada pela agricultura”, financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), entre agosto de 2019 a julho de 2020. Na Comunidade que Sustenta a Agricultura de São Carlos atentei-me aos procedimentos técnicos de produção agroecológica, e ao protagonismo de uma agricultora experiente no cultivo de alimentos orgânicos. Através das observações participantes e do trabalho etnográfico pude evidenciar como as trocas de conhecimentos entre os membros da CSA - São Carlos eram de grande relevância para a agricultora.

Lembro-me como a aproximação com a escrita etnográfica foi um dos episódios mais desafiadores que enfrentei academicamente. Havia muros invisíveis a ser derrubados para que eu prosseguisse com ela, e outros tantos nós a serem convertidos em potência ao longo da maturação do meu trabalho. Me vincular a outras mulheres pesquisadoras, aprender através de nossas diferenças e experiências abasteceu-me de coragem e confiança para seguir buscando outros/as aliados e aliadas dentro e fora da universidade. Em um ambiente de disputas de narrativas se faz necessário averiguar precisamente com quem estabelecer vínculos, pois cientistas “descobrem amigos e inimigos totalmente diferentes, assim como fazemos todos

nós” (LATOURE, 2014, p. 28), como declarou Bruno Latour. Assim, foi através dos desdobramentos de meu trabalho, junto à participação cada vez mais presente no ambiente acadêmico, que fui levada a repensar certos paradigmas científicos, assim como determinadas linhas teóricas da antropologia., Pude, assim, refletir sob um olhar crítico o *modus operandi* da Ciência com C maiúsculo, essa ciência branca, norte-centrada, positivista e racionalista, percepções próximas aos apontamentos da filósofa Isabelle Stengers (2002, p. 81), “quanto à Ciência, que em todas as áreas recebeu uma autoridade geral sobre a definição dos “riscos” a serem levados em conta, ela não tem muito a ver com as ciências” .

As ditas ‘ciências’ partem de outros pressupostos científicos, articulando novos paradigmas às produções acadêmicas, alinhando perspectivas feministas, por exemplo, compondo novos sentidos para o lugar que estava ocupando na universidade. Em passos vagarosos, fui compreendendo a força e potência que residia em habitar fronteiras, e a circular entre mundos utilizando da escrita e da pesquisa enquanto uma ferramenta política.

As relações e choques entre territórios revelaram-se para mim através de certos enunciados, como: "o texto é uma forma de você atravessar a si mesma", me afirmou uma terapeuta, "chega de ler, chega de escrever" dizia minha mãe milhares de vezes, "a escrita é um experimento político" e "escrever dói" ouvi em reuniões de orientação. Essas frases lembram-me de todo o preparo ritual antes do ato da escrita: primeiramente, era preciso aquietar minhas inseguranças; redirecionar os meus medos; fazer da raiva uma potência. É nesse sentido que concluo este texto com uma belíssima e forte afirmação de Gloria Anzaldúa: “finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever” (ANZALDÚA, 2000, p. 236).

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, v.8, n.1, p. 229-236. Florianópolis, 2000.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 8 mar. 2021.

LATOURE, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 57, n. 1, p. 11-31, 2014. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2014.87702. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/87702>. Acesso em: 23 fev. 2021.

LORDE, Audre. Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo. *In*: LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 155-168.

STENGERS, Isabelle; ALTMAN, Max. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002. 205 p. (TRANS) ISBN: 8573262494.